

## DESALINHOS CAIÇARAS: IDENTIDADES TRADICIONAIS EM XEQUE NA (TENTATIVA DE) CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO DE EDUCAÇÃO DIFERENCIADA<sup>1</sup>

*CAIÇARA MISALIGNMENT: TRADITIONAL IDENTITIES IN THE (ATTEMPTED) CONSTRUCTION  
OF A DIFFERENTIATED EDUCATION PROJECT*

Jacqueline Teixeira<sup>1</sup>, Liana Biar<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Colégio Pedro II (CPII), Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
jteixeira\_22@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
lianabiar@gmail.com

Recebido em 5 out. 2018  
Aceito em 16 nov. 2018

**Resumo:** Esta pesquisa nasce do desejo de contribuir para a construção de um projeto de educação diferenciada para as escolas do primeiro segmento do Ensino Fundamental em territórios caiçaras. Tendo em vista o interesse em construir conhecimento sobre essa comunidade, realizou-se uma microetnografia (Erickson, 2004) de um evento de letramento (Soares, 1999). Através da análise de pequenas narrativas (Bamberg e Georgakopoulou, 2008; Bastos, 2009) e aspectos interacionais que emergiram desse encontro, procurou-se construir entendimentos acerca da complexidade identitária da comunidade em foco. A análise dos dados trouxe à superfície dicotomizações rígidas, embates e resistências que compõem as reivindicações identitárias dos participantes e uma comunidade que se move com cautela entre o desejo de aderir às mudanças da modernidade e a necessidade de garantir seus direitos como povo tradicional.

**Palavras-chave:** Comunidades caiçaras. Educação diferenciada. Análise de narrativa. Interação.

**Abstract:** This research is born from the desire to construct a curricular reorientation project for the elementary schools in caiçaras community territories. Given the interest in building knowledge about it, a microethnography (Erickson, 2004) of a literacy event was held (Soares, 1999) From the small narratives (Bamberg and Georgakopoulou, 2008; Bastos, 2009) that emerged in this meeting, we sought to investigate how participants discursively constructed themselves, seeking to understand the community identity complexity in focus. The analysis brought to the surface rigid dichotomizations, clashes and resistances that designs the identity claims of the participants. I was possible to see a community that moves cautiously between the desire to adhere to the changes of modernity and the need to guarantee their rights as a traditional people.

**Keywords:** Caiçara communities. Differentiated education. Narrative analysis. Interaction.

### Introdução e problema de pesquisa

O termo caiçara é originário do Tupi-Guarani caá-içara, utilizado para denominar as estacas em torno das tabas ou aldeias e o curral feito de galhos de árvores, na água, para cercar peixe em regiões litorâneas<sup>1</sup>. Mais tarde, passou a ser

---

<sup>1</sup> As informações aqui apresentadas advêm de notas etnográficas e retiradas de documentos oficiais, como a "Definição de categoria de unidade de conservação da natureza para o espaço territorial constituído pela Reserva Ecológica da Juatinga e Área Estadual de Lazer de Paraty Mirim". Disponível em:

o nome dado às palhoças construídas nas praias para abrigar canoas e objetos de trabalho dos pescadores. Compondo uma parte importante da teia que se convencionou chamar “povos ou comunidades tradicionais<sup>2</sup>”, as comunidades caiçaras espalham-se pelo litoral dos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e norte de Santa Catarina, tendo surgido à época da colonização e do intercâmbio entre indígenas, colonizadores e, em menor escala, escravos africanos. Etnicamente mestiços, os caiçaras vivem em comunidades tradicionalmente voltadas para a pesca e pequena agricultura. A produção de farinha de mandioca era uma das atividades tradicionais e base da alimentação, além de peixe e banana, surgindo daí o típico prato caiçara conhecido por azul marinho. A comunidade se destaca também por seus conhecimentos sobre a natureza, a ecologia da fauna e da flora, além de saberes tradicionais sobre previsão de tempo, ventos, marés e correntes marítimas, fundamentais para a condução de barcos e para as atividades de pesca, mesmo atualmente. Como é típico das comunidades tradicionais, os saberes e tradições caiçaras são transmitidos através de gerações via oralidade.

As comunidades caiçaras foram recentemente reconhecidas pelo Decreto nº 6040/2007, que instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT)<sup>3</sup>, ao lado de indígenas, quilombolas e ribeirinhos. Entretanto, apesar do reconhecimento jurídico, o modo de vida tradicional dos caiçaras vem sofrendo profundas mudanças desde a abertura da rodovia Rio-Santos (BR-101), na década de 70, trazendo expropriação e retirada de moradores locais, que passaram a viver, principalmente, na periferia da cidade de Paraty, RJ.

---

<[http://arquivos.proderj.rj.gov.br/inea\\_imagens/reserva\\_ecologica\\_juatinga/caracterizacao\\_socioec.pdf](http://arquivos.proderj.rj.gov.br/inea_imagens/reserva_ecologica_juatinga/caracterizacao_socioec.pdf)>

<sup>2</sup> Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (Decreto Federal Nº6.040 de 7 de fevereiro de 2000).

<sup>3</sup> A Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT) foi instituída, em 2007, por meio do Decreto nº 6.040. A Política é uma ação do Governo Federal que busca promover o desenvolvimento sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, com ênfase no reconhecimento, fortalecimento e garantia dos seus direitos territoriais, sociais, ambientais, econômicos e culturais, com respeito e valorização à sua identidade, suas formas de organização e suas instituições. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/desenvolvimento-rural/terras-indigenas-povos-e-comunidades-tradicionais>>.

---

Além disso, a facilidade de acesso a regiões de belezas naturais em excelente estado de preservação atraiu (e continua atraindo) grupos com interesses variados. Hoje, as populações caiçaras vivem constantes conflitos fundiários com grileiros, especuladores imobiliários e ambientalistas, além de conviver com um turismo desordenado e predatório. Todas essas questões tensionam gravemente tanto suas imaginações identitárias quanto questões bastante objetivas, como o direito de permanência nos seus territórios. Além disso, a lei que reconhece e institui os caiçaras como comunidade tradicional não prevê a territorialidade (diferentemente do que acontece com indígenas e quilombolas, por exemplo), e as famílias convivem permanentemente com o risco premente de expropriação de suas terras, espaço de produção e reprodução de sua cultura e identidade.

De fato, a luta pelo direito de permanência no território é a mais forte das bandeiras encampadas pelo movimento social da região. Mesmo em tempos de mestiçagens, hibridizações culturais e esfumaçamento de fronteiras, essas populações, mais do que nunca, por questões de assentamento e sobrevivência, organizam-se em torno do direito à diferença e da valorização de sua cultura. Na contramão de pesquisas e discursos que apontam para a desessencialização de identidades (Hall, 2003 e 2006; Bauman, 2005; Bhabha, 1998; entre outros), essas comunidades tradicionais tentam reencontrar num essencialismo estratégico e político (Spivak, 2010) o fôlego para a luta de direitos permanentemente ameaçados e a ampliação de forças em direção a sua autorrepresentação.

Nesse sentido, o Fórum de Comunidades Tradicionais, movimento social local, vem se articulando a outras instituições em busca de estratégias políticas, ambientais e educativas para os problemas e desafios enfrentados por essas comunidades na contemporaneidade. É nessa esteira que a pesquisa aqui apresentada foi gestada: como parte das atividades do Núcleo de Extensão e Pesquisas em Educação Diferenciada (Nepedif) do Colégio Pedro II, elaboramos<sup>4</sup> atividades no território que visaram à aproximação com essa comunidade para a

---

<sup>4</sup> Apenas a primeira autora deste artigo, Jacqueline Teixeira, é membra do Nepedif/CPIL e liderou o trabalho e campo e atividades pedagógicas com as comunidades caiçaras. A segunda autora, Liana Biar, atuou como supervisora da atividade de letramento descrita a seguir, como co-analisadora dos dados gerados e co-autora do presente artigo. O presente artigo, aliás, recorta e reenquadra a dissertação de mestrado: Teixeira, Jacqueline; Biar, Liana de Andrade (Orientadora). *Narrativas caiçaras: discurso e identidade de uma comunidade em desalinho*. Rio de Janeiro, 2018. 130 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

---

construção de um projeto de reorientação curricular para escolas caiçaras do 1º segmento do Ensino Fundamental. O trabalho aqui descrito desdobra-se desse conjunto de ações do Nepedif com objetivo de construir conhecimento acerca da comunidade. Mais especificamente, o objeto deste artigo são as interações gravadas em um evento de letramento proposto na comunidade do Pouso da Cajaíba, Paraty, RJ. A atividade foi pensada com o objetivo de escutar demandas, histórias e embates, e co-construir entendimentos sobre complexidade identitária da comunidade – entre a tradição e a modernidade –, diante da insurgente necessidade de (re)adaptações a novas maneiras de sobrevivência no território.

Com um olhar microetnográfico (Erickson, 2004) para esse evento comunicativo, buscaremos nas próximas páginas discorrer sobre aspectos discursivos e interacionais que emergiram do encontro entre caiçaras e pesquisadoras. Destacam-se aqui como perguntas de pesquisa: (i) que narrativas emergem no contexto de pesquisa e o que elas nos informam sobre as experiências da comunidade; (ii) quais embates discursivos sobre a comunidade são tornados relevantes pelos seus membros?; (iii) que aspectos se destacam da interação entre as pesquisadoras e os integrantes da comunidade? As seções a seguir desenvolvem os aspectos metodológicos da pesquisa e cada uma dessas perguntas. Começaremos, no entanto, por uma breve apresentação das questões mais gerais sobre comunidades tradicionais e educação diferenciada que pautam este trabalho.

## **1. Considerações metodológicas do estudo**

A pesquisa aqui descrita se enquadra no paradigma qualitativo e interpretativista de pesquisa social, que tem por objetivo “relacionar a pesquisa qualitativa às esperanças, às necessidades, aos objetivos e às promessas de uma sociedade democrática livre” e mais justa (Denzin e Lincoln, 2006, p.17). Este estudo também se ancora na perspectiva epistemológica construcionista, ou seja, na crença de que o “mundo” se forma à medida que as pessoas o discutem e o contestam no âmbito linguístico-semântico (Fabrício, 2006). Segundo essa perspectiva, não existem observações objetivas em pesquisa social, apenas interpretações posicionadas atravessadas por crenças e valores dos quais não é

---

possível se afastar. Além disso, acreditamos que os dados trazidos para a presente análise foram conjuntamente construídos pelas pesquisadoras e demais participantes da pesquisa, e são resultado de complexos processos interacionais de negociação de sentidos.

Adotou-se aqui também um ponto de vista interacionista, isto é, elegemos o “micro” como lócus de investigação. Com atenção sequencial à fala em interação, foi realizada uma microetnografia (Erickson, 2004) do evento comunicativo descrito a seguir, observando o que acontece “no aqui e agora” da fala-em-interação (Garcez, 2014).

Orientadas por estas questões gerais, o desenho da pesquisa foi pensado da seguinte maneira. Como já se disse, esta pesquisa se desdobra a partir das atividades do Núcleo de Extensão e Pesquisa em Educação Diferenciada (Nepedif) do Colégio Pedro II, Rio de Janeiro. Esse núcleo, em parceria com o OTSS (Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina), assumiu o compromisso de contribuir para a reorientação curricular do 1º segmento do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) da escola municipal do Pouso da Cajaíba, em Paraty, RJ, visando construir com a comunidade um projeto de educação diferenciada que garantisse, sobretudo, o respeito às diferenças e a valorização da cultura caiçara.

Várias estratégias de aproximação com a comunidade foram propostas com o objetivo de se construir entendimentos conjuntos com a comunidade, e o objeto mais especificamente delimitado deste estudo é uma dessas estratégias. Trata-se de um evento de letramento (Soares, 1999), intitulado “Oficina de Narrativas”, que contou com a participação de pesquisadoras e moradores da comunidade investigada (descritos a seguir). Dividida em suas partes, a atividade consistiu na exibição do filme “*Narradores de Javé*”, de Eliane Caffé, seguida de uma roda de conversa para a reflexão coletiva sobre o filme, em que se pretendia estabelecer relações temáticas entre a história ficcional de Javé, que luta contra seu iminente desaparecimento, e a própria história da comunidade, e propiciar momentos de resgate de narrativas coletivas ou individuais, que compõem a memória da comunidade. Apenas essa segunda parte da atividade foi gravada para fins de pesquisa. No total, tivemos 1h e 10 minutos de conversa gravada.

Participaram da atividade 13 moradores da comunidade caiçara do Pouso da Cajaíba – Paraty – RJ (dentre eles, 5 adolescentes, 5 adultos e 3 professores da comunidade), 4 pesquisadoras do Nepedif e 3 membros do OTSS.

Segue abaixo uma pequena descrição dos participantes que comparecem nas transcrições apresentadas a seguir neste artigo:

- **Tião:** neto e filho de caiçaras. Vive no Pouso da Cajaíba desde o nascimento. Membro ativo do Fórum de Comunidades tradicionais e líder 48 da associação de moradores da comunidade. Responsável pelo projeto desenvolvido pelo OTSS de permacultura nas comunidades caiçaras.
- **Rita:** moradora do Pouso da Cajaíba desde bem pequena e casada com um caiçara. Hoje trabalha como merendeira na escola municipal da comunidade. Também é engajada nos movimentos sociais da região, através do Fórum de Comunidades Tradicionais.
- **Irene:** pesquisadora da Fiocruz, atualmente atuando no OTSS em Paraty. Articuladora dos assuntos e eventos ligados à educação diferenciada;
- **Marcos:** morador adolescente da comunidade, morou fora do Pouso por algum tempo;
- **Pesquisadora A:** professora do 1º segmento do Ensino Fundamental, atuando como coordenadora pedagógica de Língua Portuguesa;
- **Pesquisadora J:** atualmente atuando como orientadora educacional no 1º segmento do Ensino Fundamental.

Os dados gravados foram transcritos conforme convenções adaptadas da Análise da Conversa. As narrativas eleitas para análise foram autorizadas por seus autores, que assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Por questões éticas, o nome dos participantes foi alterado com o objetivo de preservar suas identidades.

Após análise sequencial de todo o evento, segmentaram-se os dados em três lâminas (Biar, 2012) que pareceram relevantes ao olhar analítico das pesquisadoras. As próximas 3 seções se dedicam a cada uma dessas lâminas.

## 2. Narrativas caiçaras: entre o tradicional e o moderno<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Como o que nos parece mais importante, para os fins deste artigo, são os resultados da pesquisa e não a parafernália técnica empregada na análise, optamos por estruturar cada uma das seções de análise (3, 4 e 5) da seguinte maneira: uma breve explicação das bases teóricas e analíticas é acompanhada de um relato objetivo dos resultados gerais. Em seguida, apresentamos um exemplo de como a análise foi feita e discutimos os resultados propondo extrapolações da microanálise. Esperamos com isso apresentar de modo abrangente a pesquisa mesmo tendo em vista o espaço restrito do gênero.

---

Conforme dissemos na seção anterior, ao planejar a atividade, acreditávamos que o filme *Narradores de Javé* seria um disparador interessante de histórias sobre o Pouso da Cajaíba. A participação da comunidade, no entanto, como se verá a seguir, foi difícil e tímida. Após alguma insistência, pequenas narrativas foram surgindo como respostas às perguntas introduzidas pelo grupo de pesquisadoras. Esta seção se dedica a explorar essas histórias, na tentativa de responder a nossa primeira pergunta de pesquisa: que narrativas emergem no contexto e o que elas nos informam sobre as experiências da comunidade?

Para identificar e analisar as narrativas que emergiram da roda de conversa, recrutamos o instrumental da Análise de Narrativas (Bastos e Biar, 2015), especialmente o entrelace da proposta canônica de Labov e Walestky (1967) e das novas concepções sobre narrativas (Bruner, 1997, Bamberg e Georgakopoulou, 2008, Riessman, 1993, Bastos 2004, 2009 entre outros). A relevância da identificação de narrativas para a pesquisa social repousa na crença de que, quando contamos histórias, damos forma e sentido a nós mesmos e ao mundo que nos cerca (Bruner, 1997). Colocamos fatos dispersos em uma sequência, estabelecemos relações de causa e efeito, somos forçados a nos apresentar e aos demais atores de nossa história, precisamos estabelecer um terreno de tempo e espaço de onde os eventos começam a se desenrolar. Em geral fazemos isso em uma situação social com propósitos específicos e para interlocutores selecionados – e, sobretudo, fazemos isso nos apropriando de histórias que já ouvimos e tendo em vista certas expectativas de normalidade. Em outras palavras: narrar é uma prática social/discursiva que organiza nossas experiências criando efeitos de verdade sobre a memória individual e coletiva.

Em nossos dados, recorrem as pequenas narrativas (Bamberg e Georgakopoulou, 2008), isto é, aquelas co-construídas interacionalmente que não necessariamente apresentam uma estrutura canônica (composta por sumário, orientações, ações complicadoras, resoluções e coda). Ao longo da gravação, encontramos algumas pequenas narrativas, que, co-construídas entre pesquisadoras e demais participantes, apresentaram a comunidade na tensão entre a tradição e a modernidade. Eram narrativas sobre mudanças. Especialmente mudanças materiais (hábitos, paisagens, comportamentos) tendo como pano de fundo alterações tempo-espaciais.

---

Constatado que a maior parte das narrativas encontradas falavam de mudanças, selecionamos entradas analíticas que lançassem foco sobre os seguintes elementos:

- (i) a sequencialidade dos eventos (o que vem depois de quê) e as relações de causa e efeito (o que causa o quê) construídas (Linde, 1993), que em geral traziam o “ponto” (Labov e Waletzky, 1967) da narrativa, isto é, a razão para ela estar sendo eliciada em uma dada interação;
- (ii) as orientações (também Labov e Waletzky, 1967), isto é, a construção do tempo, espaço e personagens no estado inicial da narrativa e
- (iii) as avaliações gerais e codas avaliativas (idem) sobre os personagens e sobre as ações narradas.

Em termos de sequencialidade e causalidade, os participantes em geral apontam mudanças locais como resultado da passagem do tempo e da interferência de agentes externos (como a chegada de turistas, grileiros, etc). Em termos de suas orientações, as narrativas se estruturam a partir de dicotomias, como: lá/cá; interno/externo; os de dentro/os de fora; passado/presente; coletivo/individual; território/cidade; permanência/saída do território; subdesenvolvimento/desenvolvimento; ingenuidade/esperteza; pesca/turismo – as primeiras partes dos pares descritos acima estão presentes nos estados iniciais e são contrastados com estados finais, a segunda parte do par. Finalmente, quanto às avaliações, o que notamos principalmente é uma comunidade ingênua, desamparada, que assiste passiva às mudanças impostas de fora. O passado e a própria comunidade são apresentados como positivos em descrições quase-idílicas, em contraste com os elementos de fora, marcados negativamente.

O excerto 1, abaixo, exemplifica o modo como os elementos listados acima foram costurados nas narrativas. O trecho é do início da roda de conversa, quando as pesquisadoras faziam perguntas iniciais na tentativa de incentivar a emergência de narrativas. Tião é quem toma o turno e elabora uma resposta. A fala de Tião é constituída por duas pequenas narrativas, que ganham corpo entre as linhas 3 a 9 (primeira narrativa) e 11 e 29 (segunda narrativa).



**Excerto 1: A coletividade era um ajudar o outro**

1	Pesq.J	e por que você acha que tá mudando? No
2		que você acha que tá mudando?
3	Tião	o que que tá mudando... (0.4) é...o...vai
4		chegando o (0.3) desenvolvimento que
5		fala, né? que... é (0.4) a chegada do
6		turismo mudou muito...é porque antes era
7		só rancho de praia de pesca que tinha na
8		praia. hoje virou tudo bar e agora tá
9		virando:: pousada, tá virando comércio.
10	Pesq.A	que que é um rancho de pesca?
11	Tião	rancho de pesca é onde guardava as canoa,
12		guardava as ( ) de sapê
13	Rita	e não era fechado, né?
14	Tião	e não era fechado, ( )
15	Pesq.A	[e isso era coletivo,
16		tião?]
17	Tião	não, cada um pagava o seu, cada um tinha o
18		seu. (0.2) mas a única coisa que era [co]
19	Rita	[mas]
20		não deixava o outro pagar
21	Tião	é, a única coisa que era coletivo, se eu
22		precisasse guardar minha canoa dentro de
23		um rancho desse tava disponível ali pra:
24		guardar. e: assim... a coletividade era a
25		gente um ajudar o outro
26	Pesq.J	e hoje, não tá assim não?
27	Tião	nã[o]
28	Pesq.J	[não]
29	Tião	hoje tá todo mundo individual
30	Audiência	tá cada um por si

A primeira narrativa, linhas 3 a 9, apresenta como *ponto* a causa das transformações na comunidade: o turismo como elemento articulador de grandes mudanças internas na comunidade com o trânsito de pessoas externas no território. Tião equaciona “desenvolvimento” a “turismo” em estruturas quase paralelas (linhas 4-6), e a estrutura frasal, com verbos em formas nominais e intransitivas, naturaliza essa chegada, construindo essas mudanças como inevitáveis; sem apontar responsáveis por elas.

As orientações que caracterizam o estado inicial da comunidade (linhas 6-8) começam a construir as dicotomias que serão a tônica também de outras narrativas contadas durante o encontro: antes/depois; interno/externo; os de dentro/os de fora. Em tensão com as ações complicadoras, essa dicotomização é substantiva: “*antes era só rancho de praia de pesca que tinha na praia*”/“*hoje virou tudo bar e agora tá virando:: pousada, tá virando comércio*”. Nota-se no último elemento desse par uma hierarquização dos termos, ou seja, uma gradação – virando bar, pousada, comércio

– sendo este último, “*comércio*”, a síntese e o clímax das outras duas. A palavra “comércio” parece trazer uma avaliação negativa, já que, por ser uma atividade centrada em trocas financeiras e em lucro, gera disputas e competições internas, opondo-se à coletividade do rancho de pesca construída como ponto da segunda narrativa de Tião (linhas 11 a 30). Também consideramos as pausas longas e hesitações como elementos avaliativos, já que imprimem desconforto e nostalgia à narrativa da mudança.

Na segunda narrativa, Tião acrescenta às mudanças materiais uma mudança de comportamento, o enfraquecimento do sentimento de coletividade (linha 21). Aqui, uma prática tradicional é rememorada seguida de uma coda (a moral da história) avaliativa: “*se eu precisasse guardar minha canoa dentro de um rancho desse tava disponível ali pra: guardar*”/ “*e: assim... a coletividade era a gente um ajudar o outro*”. Na linha 26, a pesquisadora reorienta a narrativa para o presente “*e hoje, não tá assim não?*”, e o presente é construído por Tião como paráfrase do comentário anterior: “*hoje tá todo mundo individual*”. Em seguida o participante reformula avaliativamente o que acabou de dizer, em forma de coda: “*tá cada um por si*” (linha 30). As transformações enfatizadas por Tião parecem ser lidas como perdas para a comunidade: *antes*, cooperativa e solidária; *hoje*, comercial e individualista.

Outras narrativas analisadas na pesquisa confirmam a prosódia avaliativa e as dicotomias apresentadas por Tião. Em geral, o que vemos discursivamente é a construção de fronteiras muito bem marcadas que diferenciam a comunidade caiçara de seu entorno. Vemos também a construção de narrativas de transformação, em que formas de vida tradicionais são colonizadas pelo turismo e pela tecnologia, e o resultado disso em geral é uma comunidade transformada e insatisfeita; desorientada e sem as condições necessárias para lutar e resistir ou se autogerir. Como nos lembra Moita Lopes (2006), “por não termos conseguido conquistar as garantias da modernidade, é provavelmente mais difícil minimizar os efeitos desse mundo contemporâneo que invade nossas casas”.

O esfumaçamento de fronteiras – tradicional/moderno, passado/presente, os de dentro/os de fora, individualismo/coletividade – imposto por paradigmas multiculturais é um desafio permanente, em que estão em jogo forças de dominação e de resistência. Como perguntaria Milton Santos (2000, *apud* Moita Lopes, 2006):

---

quem tem condições de ser fluido? Teriam os excluídos do processo de produção, de consumo material e de informação essa possibilidade? Como resistir aos mecanismos de apagamento cultural que levam vários grupos a não existirem como tal? Fadados à assimilação, como resistir à desterritorialização que engrossa as fileiras de destituídos e empobrecidos? Parece haver uma encruzilhada no processo identitário de algumas minorias que precisam, a todo custo, redefinir suas trajetórias em busca de políticas de reconhecimento e afirmação de um projeto comum. Nas palavras de Memmi (2007, p. 177): “esperar do colonizado, que tanto sofreu pelo fato de não existir por si mesmo, que esteja aberto para o mundo, humanista e internacionalista, parece de uma insensatez cômica”.

### **3. O embate entre duas lideranças: metonímia dos desalinhos locais**

Perseguindo o propósito de adensar a análise acrescentando a ela uma nova laminação, esta seção lançará um olhar microscópico a um embate persistente no evento comunicativo aqui escrutinado. Trata-se da interação entre Rita e Tião. Ambos são militantes no movimento social Fórum das Comunidades Tradicionais (FCT), e se apresentam interacionalmente como lideranças na comunidade, sendo Tião, inclusive, à época da geração de dados, presidente da Associação de Moradores local. Ao longo da *Oficina de Narrativas*, percebemos que ambos tinham suas falas significativamente ratificadas pela audiência, e foram os que mais contribuíram com histórias e lembranças sobre a comunidade. O que nos interessa destacar neste momento da análise são os desalinhos entre esses dois participantes, isto é, os posicionamentos divergentes que eles constroem frente à comunidade e suas possibilidades de agir. Pretendemos, com isso, responder à segunda pergunta de pesquisa: quais embates discursivos sobre a comunidade são tornados relevantes pelos seus membros?

Como suporte teórico para esta segunda lâmina, importa sublinhar o imbricamento entre a produção de narrativas e a construção interacional de identidades. Destacamos aqui as reflexões de Duszak (2002), para quem a construção discursiva de identidades muitas vezes se dá numa relação antagônica nós/eles, aproximando-nos daqueles com quem mantemos afinidades e afastando-nos daqueles que julgamos diferentes de nós. É por meio de crenças, valores,

estilos de vida e outros que nos identificamos ou não com determinados grupos sociais, levando-nos a sentimentos de afiliação (*ingroupness*) ou não afiliação (*outgroupness*).

Embora a marcação de fronteiras discursivas como essas favoreçam processos de segregação e exclusão, contraditoriamente, também propiciam a construção de uma identidade coletiva. Ao reificar fronteiras entre “nós” e “eles” a partir do compartilhamento de valores, crenças ou experiências (*we-ness*), o sentimento de pertencimento é construído. Esse sentimento fortalece os vínculos do grupo, podendo mobilizá-lo a agir ou resistir coletivamente, o que, no caso dos caiçaras, torna-se fundamental para sua organização em defesa de seus direitos.

São muito presentes nos discursos de Tião e Rita as marcas discursivas que marcam linhas nítidas entre “nós e eles”, embora cada um deles, como já se destacou, lide de forma distinta com essas representações. Enquanto Tião sublinha problemas internos da comunidade e esforça-se por apresentar-se de forma mais conciliadora e integrativa com “os de fora”, Rita se alinha à comunidade em desconfiança e descrença em relação a “eles”, que são apresentados como responsáveis por tais atitudes. Em síntese, encontramos frequentemente, na fala de Tião, uma comunidade construída com potencial de agência, e, na fala de Rita, uma comunidade descrente e vitimizada. Quando Rita e Tião, por exemplo, apresentam suas explicações<sup>6</sup> para o (des)engajamento da comunidade, esses desalinhos ficam explicitamente colocados. Tião ressalta a sua crença na luta, em contraposição à descrença e ao desânimo de Rita.

O excerto 2 abaixo ilumina um desses momentos de embate entre Tião e Rita. Dessa vez, a conversa fazia referência a uma situação do filme motivador, e girava em torno da possibilidade de algo concreto poder ameaçar a comunidade atualmente. Novamente, aqui, lançaremos mão da análise de narrativa como lente discursiva sobre os dados.

#### **Excerto 2: O sonho e a periferia**

---

<sup>6</sup> Estamos usando as palavras ‘explicações’, ‘motivos’ e ‘justificativas’ embasadas pela categoria interacional de *accounts*: um gênero narrativo que inclui justificações, desculpas e explicações e podem ser definidos como “recapitulação de eventos passados, construídos como respostas a uma pergunta explícita ou implícita ‘por quê’ ou ‘como’ por um interlocutor” (De Fina, 2009, p. 240). Os *accounts* surgem sempre que uma avaliação, por parte de um interlocutor, está pressuposta.

134	Irene	e o que que faz com que essas famílias vão
135		saindo do lugar o que que hoje ameaça
136		então essas famílias? o que que vai
137		fazendo com [°essas famílias°]
138	Tião	[bom, eu sempre]
139		achei a grande ameaça da, das
140		comunidade foi a falta de educação...né,de
141		escola...né...porque todas família tem um
142		sonho do filho estudar e a::escola ia só
143		até a quarta série( ) ...e as pessoas
144		sonham ( ) com a luz elétrica
145	Audiência	hhhhh risos e conversas paralelas
146	Tião	( ) várias outras oportunidade que ela
147		acha que a cidade oferece só que quando
148		ele sai de uma comunidade dele ele não vai
149		pra cidade onde tá...a:agora ele vai pra
150		uma periferia

Em resposta à questão formulada pela pesquisadora Irene, Tião aponta a falta de escolas na comunidade como a grande ameaça causadora do êxodo da comunidade rumo às periferias urbanas. Em contraste com o que aparecerá na fala de Rita a seguir, aqui se destaca um problema interno, que pode de certa forma ser solucionado com organização interna da própria comunidade. Tião, inclusive, é um dos defensores da implementação de educação diferenciada na região. A resposta de Tião é expandida a seguir na forma de uma pequena narrativa genérica (*“porque todas família tem um sonho do filho estudar e a escola ia só até a quarta série...”*, linhas 141 a 143). Em seguida passa a enumerar outros dois motivos para o desejo de saída do território caiçara: *“...e as pessoas sonham com a luz elétrica”* (linhas 143 e 144); *“várias outras possibilidade que acha que a cidade oferece”* (linhas 146 e 147).

Nessa série de justificativas, Tião formula narrativas genéricas (Norricks, 2000 p.151) que o descolam da comunidade, escolhendo como personagens de suas histórias “terceiras pessoas” (famílias, pessoas). Os verbos usados por Tião se referem a processos mentais, isto é, ele descreve o modo como a comunidade *pensa*. E, de acordo com Tião, o pensamento tem arraigado a dicotomização entre comunidade caiçara e “cidade”. A primeira parte do par marcada pela ausência e a segunda por presença.

As supostas ofertas da cidade são, no entanto, colocadas sob suspeita por Tião: *“[as pessoas sonham com] outras possibilidade que acha que a cidade oferece”* (linha 147) e *“só que quando ele sai de uma comunidade dele, ele não vai*

*pra cidade onde tá... a agora ele vai pra uma periferia*” (linhas 147 a 150), que avalia negativamente o abandono do território por algumas famílias, deixando implicado que essas pessoas deveriam ficar.

Para ele, a cidade ainda encerra outra dicotomia: parte rica e parte pobre; centro e periferia. Aos caiçaras, está destinada a periferia, onde se sente de forma mais intensa a segregação e o exílio de sua comunidade e de sua cultura de origem. Conforme reflexão de Memmi (2007, p. 166), “para ser assimilado, não basta dispensar seu grupo, é preciso penetrar em outro; ora, então ele encontra a recusa do colonizador”. Na cidade, como dito por Tião, os caiçaras continuam compondo o grupo dos excluídos, só que agora na solidão anônima da cidade, longe de sua gente, sua terra, sua história. “Um homem [sic] dividido entre duas culturas raramente encontra o equilíbrio” (Idem). A encruzilhada apresentada parece marcar a condição caiçara, já que a escolha pela permanência no território ou a renúncia a ele não traz soluções conciliatórias nem tão pouco satisfatórias.

Na continuidade da conversa, Rita toma o turno e é categórica em seu posicionamento, não se alinhando a Tião. As justificativas fornecidas por Tião para a saída de moradores da comunidade é fortemente contestada por Rita que apresenta uma nova versão para os eventos. O ponto de sua narrativa é construído em um sumário bastante avaliativo quanto ao excesso de confiança da comunidade nas promessas de outrora dos “de fora”. As tensões e traumas decorrentes dessas relações justificariam, segundo Rita, o sentimento de desconfiança e de rejeição que ainda vigoram na comunidade.

### Excerto 3: Os de fora como ameaça

151	Rita	mas eu também acho Tião que as pessoas
152		daqui confiam MUITO nas pessoas de fora que
153		chega hoje a gente tá mais aberto...
154		mas a gente teve pessoas que vinham que
155		vinham[que]
156	Irene	[conta]vam histó[ria]
157	Rita	[his]tória
158		ficava na nossa casa daí a pouco
159		cê tava a..., cê não sabia ler nem escrever
160		passava tudo pra pessoa resolver, a pessoa ia
161		resolvendo >te levava no médico te trazia
162		uma lamparina melhor te trazia isso te
163		trazia uma lanterna< quando você via >ela já
164		era dona da <u>sua casa</u> <

Assim como o fez Tião, Rita reivindica para si o direito de narrativizar, e, com isso, necessariamente, avaliar o comportamento das *peças da comunidade*. Ao introduzir em sua fala o dêitico “aqui” (linha 152), demonstra possuir “informação privilegiada” (Norrick, 2013), pelo menos em relação às pesquisadoras, marcando, portanto, a distinção entre “*nós e eles*” também no evento narrativo (para além do evento narrado). Ser membro da comunidade confere-lhe autoridade epistêmica para construir sua narrativa, integrando-se ao contexto como “*história de família*”. Nota-se, ainda a respeito disso, que a fala de Rita é mais inclusiva que a de Tião no que diz respeito à maneira como ela, habilmente, vai transformado a terceira pessoa distanciada em um jogo pronominal mais inclusivo (“você”, “te”, “nossa”, “sua”), que permitem tanto que a narradora quanto os interlocutores se projetem com envolvimento na história.

Rita também marca distinções nítidas em sua história, desta vez entre os “os de dentro” e os “de fora” e representa o primeiro grupo como invasores e aproveitadores e o segundo como ingênuos e indefesos (“*eu também acho... confiam MUITO nas peças de fora...*”), com certa força dramática imputada pelo intensificador *MUITO*. Esta avaliação feita por Rita também é o ponto de sua narrativa, e a resposta construída por ela para a pergunta inicial de Irene (O que faz com que as famílias saiam de seu território?). Aqui, diferente do que acontece no excerto 2, a causa formulada é externa: agentes de fora afetam a comunidade.

Na narrativa que se segue a isso, Rita encadeia eventos genéricos em que, desta vez, também em contraste com o que fez Tião, destacam-se verbos de ação. Fala-se agora sobre o que as peças “de fora” fizeram, e não sobre o que as peças “de dentro” pensaram. Rita parece apontar para o colonialismo que marcou (e ainda marca) a relação dos caiçaras com os não-caiçaras, indicando a desigualdade de condições e a opressão inerente a essa relação. Pode-se estabelecer aqui uma conexão com o que Memmi (2007) denomina “racismo” do colonizado. Ele afirma que este sentimento por parte do colonizado não é biológico nem metafísico, mas social e histórico; “não está baseado na crença da superioridade do grupo detestado, mas na convicção e, em ampla medida, na constatação de que ele é definitivamente agressor e nocivo. (...) não se trata de um racismo de agressão, mas de defesa” (p. 173). O trauma imputado reverbera até

---

hoje e determina o quadro de desconfiança e incredulidade descrito por Rita, o que desaprova e refrata a relação com “os de fora”.

Nesses dois segmentos é possível observar que, enquanto Tião apresenta motivações de saída como *escolhas* baseadas em limitações da própria comunidade – ausência de escola, sonho, luz elétrica –, Rita recupera eventos passados em que caixaras não tiveram escolha, foram vítimas de forasteiros usurpadores. Os descompassos entre Tião e Rita foram interpretadas aqui como metonímia dos conflitos e contradições vividos por essa comunidade, marcada por profundas mudanças em seu modo de vida ao longo dos anos.

Em uma de suas famosas reflexões sobre a liquefação dos sentidos identitários na contemporaneidade, Zygmunt Bauman (2011) apresenta a noção de comunidade como um oásis para as fragmentações pós-modernas em que o partilhamento e a cooperação parecem impossíveis. Mas um oásis é só uma ilusão. A imaginação de uma identidade coletiva tão necessária à garantia de direitos dos povos tradicionais e organização de suas demandas na esfera pública se fricciona com as subjetividades, contradições e fragmentações naturalmente presentes na coletividade. A condição de pertencer a um grupo minoritário específico não faz suas vozes soarem uníssonas em relação às experiências vividas. Ao contrário, ressoa conflito, desalinho e diferença.

#### **4. Microrresistências**

Nesta terceira lâmina, nos debruçamos sobre a última pergunta de pesquisa elencada na introdução deste artigo: que aspectos se destacam da interação entre as pesquisadoras e os integrantes da comunidade? A resposta objetiva a isso é simples: uma sensação profunda de desconforto interacional.

Desde o início, a conversa coletiva sobre o filme nos exigiu muito. Foi preciso encorajar os participantes por meio de inúmeras perguntas motivadoras da discussão. As primeiras respostas que ecoavam, especialmente na voz dos adolescentes, era a de que não havia nenhuma relação entre o filme e a comunidade do Pouso. Não sabíamos se essa postura demarcava territórios, resistência, se apenas retratava um equívoco da equipe na escolha do filme, ou uma dificuldade real do grupo presente em se ver representado ali. Certamente, contar



histórias requer, por vezes, um nível de cumplicidade e confiança que àquela altura ainda não tínhamos conseguido construir.

E, em todo caso, as idas e vindas à comunidade sempre foram marcadas por rejeição ou cautela para com as pesquisadoras. Certamente por conta de inúmeras ocasiões outras em que atividades de pesquisa se deram de forma abusiva e desrespeitosa. Uma comunidade cansada de intervenções aprende a desconfiar e a se proteger. Naturalmente, esse desconforto inicial, tanto para nós quanto para eles, deflagrava a fronteira invisível que nos separava. Caminhávamos todos sobre um terreno movediço<sup>7</sup>.

Erving Goffman oferece uma explicação sociológica para esse tipo de desconforto, que, para ele, tem origem na impossibilidade de se co-sustentar uma linha de ação e comportamento que coincida com as expectativas de um encontro. A lente microinteracionista de Goffman está ajustada para os rituais da interação social em encontros face a face, e sua metáfora mais famosa para esse tipo de encontro, a dramaturgia, pressupõe que sempre nos apresentamos socialmente sob uma luz determinada, demandada pelo encontro, e que exige certo esforço para ser mantida.

O conceito de face (ou fachada, conforme algumas traduções) “pode ser definido como o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma; imagem do “eu” delineada em termos de atributos sociais aprovados” (Goffman, 2011, p.14). Já a noção de estigma (Goffman, 1988), um bom contraponto para o que o autor chama de “valor social positivo”, dá conta de uma dinâmica em que um atributo contextualmente reprovável desabilita o ator de uma aceitação social plena.

Em geral, as duas noções, face e estigma, dependem da crença de que grupos sociais estão sempre construindo, reproduzindo ou desafiando expectativas normativas acerca de como as pessoas deveriam ser ou agir. Desafios débeis ou reversíveis, apresentados ou apontados, dessas expectativas, rendem rituais de trabalho de face, em que os interagentes se comprometem a reestabelecer o equilíbrio perdido; discrepâncias vigorosas, difíceis de serem superadas no curso do encontro, levam à adoção de estratégias interacionais de controle da informação

---

<sup>7</sup> A essa altura a leitora ou leitor deste artigo já deve ter notado que apenas pesquisadores e representantes locais protagonizam os dados selecionados aqui como representativos do corpus. De fato, embora 13 moradores “comuns” tenham participado do evento, a participação deles foi inexpressiva. Abordaremos essa situação adiante.

estigmatizante ou à ruptura. Nos dois casos, constrangimento e desconforto sinalizam aos participantes que alguma coisa quebrada precisa ser restaurada.

Há inúmeros exemplos disso nos dados gravados, que em geral desafiavam a autoimagem das pesquisadoras ou expectativas sobre o comportamento dos participantes. O excerto 4 abaixo é um desses exemplos e se desenvolve em um momento em que a conversa girava em torno da falta de perspectiva para os jovens que, segundo os participantes, já haviam participado de várias oficinas na comunidade, e que agora se sentiam desmotivados. Rita, então, passa a falar sobre o seu cansaço em relação às diversas reuniões de planejamento de ações das quais participou.

**Excerto 4: Já tava de saco cheio**

207	Rita	ah eu acho que... de verdade eu demorei pra
208		voltar de novo pras reuniões, já tava de saco
209		cheio dessas reuniões
210	Pesq.J	é... muita falação:...
211	Rita	então, de verdade, já briguei↑ com metade. eu não
212		sei se tem alguém aqui que eu já briguei também,
213		mas assim... °com a irene eu acho que já°...
214	Irene	eu não↑ comigo não hhhhhh

Mesmo amenizada com risos, a formulação extrema de Rita (“*já tava de saco cheio*”) é devastadora à nossa face porque parece desqualificar nossa presença ali. No turno seguinte, a pesquisadora J. maneja sua face, alinhando-se à Rita no reconhecimento de que reuniões geram “*muita falação*” (e pouca *ação*, infere-se). A essa altura, Goffman nos perguntaria: *o que está acontecendo aqui e agora nesta interação?* Rita estremeceu uma interpretação sobre o encontro até então aparentemente pacífica: a que se tratava de uma reunião em que pesquisadoras bem-intencionadas beneficiariam a comunidade com uma proposta de ação embasada por demandas discutidas com a própria comunidade. Rita propõe uma revisão da assimetria pesquisadora/pesquisada ou beneficiadora/beneficiada: somos nós, pesquisadoras, postas em xeque em nossas possibilidades de contribuir com a comunidade. Nem Rita age conforme o papel de beneficiada, nem as pesquisadoras são capazes sustentar a linha de ação requerida pela situação. O trabalho

interacional de Rita, na sequência, tomando pra si a marca de “brigona”, busca restaurar o equilíbrio perdido em tom jocoso (linhas 212-213). A resposta de Irene, marcada por risos, distensionava o conflito, diluindo o constrangimento em humor.

Consideramos a ação de Rita uma prática de microrresistência. Apontando-nos o que (não) deve ser feito em seu território, ela faz valer seu modo de interpretar a situação, assumindo uma voz forte e reivindicatória, abalando a crença em nosso engajamento com as necessidades reais da comunidade. Nas palavras de Schilling (1991): “isso que estamos chamando de resistência carrega um valor, provoca e é reação, chama a atenção, perturba e exige uma reflexão. Diz coisas. Não pode ser reduzida à teimosia ou obstinação. Questiona os lugares: o meu lugar e o seu lugar.”

Outra manifestação do que estamos chamando de microrresistência é o comportamento dos jovens que participaram do encontro. Principalmente um deles procurava, pela desestabilização, sinalizar a assimetria e desconstruir nossa suposta posição de “prestígio e poder”. Sua postura de enfrentamento, também forjada em brincadeira, parecia refletir os de sua comunidade, que não recusa a aproximação com os “de fora”, mas se contrai nas formas de interação.

O excerto 5 exemplifica mais uma dessas situações em que um desconcerto interacional precisou ser manejado. Neste momento, perguntávamos quais dentre os participantes presentes foram impossibilitados de concluir os estudos em função da ausência de escolas no Pouso da Cajaíba. Na sequência Irene pede que as pessoas se posicionem relação ao que consideram importante para o povo do Pouso da Cajaíba manter-se no território.

#### Excerto 5: A gente precisa de soldado

261	Irene	então, o que que vocês acham que tem que
262		ter aqui pra poder esse lugar não ser
263		ameaçado de outras pessoas virem tomar esse
264		lugar? que que precisa pro pouso da cajaíba,
265		pro povo do pouso da cajaíba continuar
266		no lugar dele?
267	Marcos	>soldado↓<
268	Audiência	Hhhhh
269	Pesqu. A	pro pouso da cajaíba não acabar↑?
270		soldado já tem, vai ser você, >você falou
271		que vai botar pra quebrar< agora deixa
272		o pessoal falar.

---

A resposta proposta pelo jovem Marcos (“soldado”, linha 267), nesse contexto, soa especialmente provocativa já que esse signo traz consigo uma série de representações históricas que o associam à força, ao poder e ao militarismo, em franco contraste com a nossa proposta de implementação da educação diferenciada para a resolução dos conflitos locais. Mais uma vez a linha reivindicada pelas pesquisadoras e as expectativas de comportamento dos moradores ficam abaladas. A maior ameaça às expectativas do encontro, nos parece, vem depois. A reação da pesquisadora nas linhas 270 a 272 (“Soldado já tem, vai ser você, você falou que ia botar pra quebrar. Agora deixa o pessoal falar”), que tem a função interacional de minimizar o confronto e reestabelecer a continuidade interacional, também acaba por infantilizar o jovem e o apartar do espaço simbólico do grupo. Exclui no lugar de acolher.

A questão mais “macro” que essas desestabilizações nos trazem parece ser: quem pode representar e falar por outro? Spivak (2010), ao discutir sobre a possibilidade de agência dos sujeitos subalternizados e a problemática que envolve sua representação, alerta para “o perigo de se construir o outro e o subalterno apenas como objetos de conhecimento por parte de intelectuais que almejam meramente falar pelo outro”. Assevera seu entendimento de que “o sujeito subalterno colonizado é irremediavelmente heterogêneo”, por isso mesmo difícil de ser assegurada uma representação que não seja reducionista e fuja aos modelos essencializantes. É nesse sentido que acreditamos que as provocações e os constrangimentos, no âmbito da interação, podem representar parte da resistência mais ampla da própria comunidade em acreditar que o subalterno não pode falar, ou talvez da certeza de que, se falar, provavelmente, não será ouvido.

### **À guisa de conclusão**

Ao final da roda de conversa, a sensação era de frustração: não temos nada. O filme não pareceu surtir o efeito que desejávamos, histórias foram espremidas com dificuldade, nossa presença parecia intrusão. Com o tempo fomos aprendendo a considerar esses fracassos dados importantes para a análise. Felizmente, a microetnografia do evento de fala e a Análise de Narrativas nos permitiram escutar atentamente aquilo que num primeiro momento pareceu tão pouco. Ao fim e ao

cabo, tivemos o que fomos buscar. Um tímido evento de letramento acabou se mostrando um poderoso instrumento de (des)aprendizagem – com o perdão do clichê – mais nossa do que deles. O filme não domesticou as experiências da comunidade conforme prevíamos. Os participantes não foram dóceis e agradecidos como imaginávamos. Encontramos pessoas que já se sabem colonizadas e veem com desconfiança as aproximações de estranhos e as articulações políticas. Encontramos lideranças que se movem com cautela entre o desejo de aderir às mudanças da modernidade e a necessidade de garantir seus direitos como povo tradicional.

O Nepedif, em parceria com o OTSS, UFF Angra e o Fórum de Comunidades Tradicionais, continua acreditando na necessidade de reorientação curricular tendo por base uma educação diferenciada como forma de favorecer o reconhecimento da cultura caiçara e comprometer-se com sua sobrevivência, e a pesquisa realizada no Pouso da Cajaíba nos introduziu à complexidade dessa tarefa, que precisa ser feita com ampla participação da comunidade. Atualmente, essa reorientação curricular vem sendo discutida com professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental da região. Nosso projeto, que inicialmente atenderia apenas a comunidade do Pouso, hoje se expandiu e agrega quinze escolas caiçaras da região.

### Referências bibliográficas

ABU-LUGHAD, L. **Writing women's worlds**: Bedouin stories. London: University of California Press Ltda., 1993.

BASTOS, L. C. Narrativa e vida cotidiana. **Revista Scripta**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 118-127, 1º sem. 2004.

BASTOS, L. C.; BIAR, L. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **D.E.L.T.A. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 31, n. especial, p. 97-126, 2015.

BAUMAN, Z. **Comunidade** – a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BAUMAN, Z. **Identidade** – entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BIAR, L. A. “**Realmente as autoridades veio a me transformar nisso**”: Narrativas de adesão ao tráfico e a construção discursiva do desvio. 2012. 208 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

BRUNER, J. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, [1990] 1997.

DE FINA, A. Narratives in interview – The case of accounts: For an interactional approach to narrative genres. **Narrative Inquiry**, Amsterdam, v. 19, n. 2, p. 233-258, 2009.

DEL CORONA, M.; OSTERMANN, A. N. “Eu não aguento mais!”: a produção de accounts narrativos nas ligações para o serviço de emergência da Brigada Militar (190). **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 11, n. 2, p. 178-191, 2013.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Introdução**. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: \_\_\_\_\_. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed Bookman, 2006, p. 15-41.

DUSZAK, A. Us and Others: An introduction. In: \_\_\_\_\_. **Us and Others: Social identities across languages, discourses and cultures**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002, p. 1-28.

ERICKSON, F. **Talk and social theory: Ecologies of speaking and listening in everyday life**. Cambridge: Polity Press, 2004.

FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: Redescrições em curso. In: LOPES, L. P. M. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editora, 2006, p. 45-65.

FABRÍCIO, B. F.; BASTOS, L. C. Narrativas e identidade de grupo: a memória como garantia do “nós” perante o outro. In: PEREIRA, M. G. D. et al (Orgs.). **Discursos socioculturais em interação**. Interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política e migração. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda., 2009, p. 39-66.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GARCEZ, P. Práticas de pesquisas microetnográficas: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais com procedimentos analíticos plenos. **D.E.L.T.A. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 257-288, 2014.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. São Paulo: LTC, 1989.

GEORGAKOPOULOU, A. Narrative. In: VERSCHUEREN, J. et al (Ed.). **Handbook of Pragmatics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1997, p. 1-19.

GOFFMAN, E. A elaboração da face. Uma análise dos elementos rituais da interação social. In: FIGUEIRA, S. (Org.). **Psicanálise e ciências sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980, p. 76-114.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, [1959] 2002.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANCIAU, N. J. O entre-lugar. In: FIGUEIREDO, E. (Org.) **Conceitos de literatura e cultura**. Juiz de Fora: Editora UFJF/Niterói: Ed.UFF, 2005, p. 215-141.

LABOV, W.; WALETSKY, J. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. (Org.). **Essays on the verbal and visual arts**. Seattle: University of Washington Press, 1967, p. 12-44.

LINDE, C. **Life stories**. The creation of coherence. Oxford/New York: Oxford University Press, 1993.

LOPES, L. P. M. Linguística aplicada e vida contemporânea: Problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: LOPES, L. P. M. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editora, 2006, p. 85-107.

LOPES, L. P. M. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: RIBEIRO, B. T. et al (Orgs.). **Narrativa, Identidade e Clínica**. Rio de Janeiro: IPUB, 2001, p. 55-71.

MEMMI, A. **Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

NORRICK, N. R. **Conversational narrative**: storytelling in everyday talk. Philadelphia: John Benjamins, 2000.

NORRICK, N. R. Narratives of vicarious experience in conversation. **Language in Society**, Cambridge, v. 42, n. 4, p. 385-406, 2013.

RIESSMAN, C. Narrative Analysis. **Qualitative Research Methods Series**, n. 30. Newbury Park, CA, Sage, 1993.

SCHILLING, F. I. **Estudos sobre a resistência**. 1991. 260 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 1991.

SKLIAR, C. **Pedagogia (improvável) da diferença**. E se o outro não estivesse aí? Capítulo III Sobre a espacialidade do outro e da mesmidade – notas para uma deslocalização (permanente) da alteridade. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2014.

### **Sobre as autoras**

#### **Jacqueline Teixeira**

Mestre em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2018), Especialista em Docência do Ensino Superior pela Universidade Cândido Mendes (2008), graduada em Letras pela Universidade Santa Úrsula (1991). É professora aposentada e, atualmente, atua no Setor de Supervisão e Orientação Pedagógica do Colégio Pedro II, Rio de Janeiro.

#### **Liana Biar**

Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2012), mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2007) e graduada em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2005). Atualmente, é professora na graduação em Letras e na pós-graduação em Estudos da Linguagem do Departamento de Letras, além de professora-tutora do PET de Letras. No presente, seu projeto e orientações de pesquisa se debruçam sobre análise da narrativa e da interação social aplicada a grupos estigmatizados/desviantes, com foco nos embates discursivos e nas descrições identitárias que se constroem em suas práticas.